

O estudo das preposições no PB: uma abordagem culioliana

The study of prepositions in Brazilian Portuguese: an Antoine Culioli's Approach

Elizabeth Gonçalves Lima Rocha¹
Colégio Técnico de Floriano - UFPI

Thatiana Ribeiro Vilela²
Secretaria de Estado de Educação do Estado de São Paulo

♦ **RESUMO:** Nos últimos anos, muitos trabalhos de excelência foram desenvolvidos para analisar o comportamento das preposições em PB de modo bastante específico. Este artigo busca mostrar o alcance heurístico do referencial teórico-metodológico da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli, tudo por encontrarmos, além de um interessante modelo analítico, contribuições capazes de (re)pensar aspectos como a natureza dos termos que a preposição coloca em relação e o seu semantismo. Particularmente, nos apoiamos nos trabalhos de Franckel e Paillard (2007) e Ashino, Franckel e Paillard (2017), desenvolvidos no âmbito da semântica preposicional.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Preposições; Semântica; Enunciação.

♦ **ABSTRACT:** Over the last few years, many excellent works have been developed to analyze the practices of prepositions in Brazilian Portuguese in a particular manner. This article pursues to elucidate the heuristic scope of the theoretical-methodological framework of Antoine Culioli's Theory of Predicative and Enunciative Operations (TOPE), mainly because we find, besides an interesting analytical model, contributions capable of reanalyzing aspects such as the nature of terms that the preposition puts in relation and its semanticism. Particularly, we rely on the works of Franckel and Paillard (2007) and Ashino, Franckel, and Paillard (2017), developed within the scope of propositional semantics.

♦ **KEYWORDS:** Prepositions; Semantic; Enunciation.

Introdução

Pode-se afirmar que a diversidade de teorias linguísticas é suficientemente justificada pela complexidade dos fenômenos tratados pelos linguistas. Sendo assim, não se trata de julgar qual das teorias é a mais “correta” a partir de um Absoluto científico cujo critério seria o acesso à Verdade. Ao contrário, a diversidade de vertentes é um sinal de saúde epistemológica³. Dada a necessidade de uma variedade de modelos investigativos, a melhor maneira de encará-la se expressa nos termos de Sarah de Vogüé: trata-se de se beneficiar tanto das diversas aquisições quanto da heterogeneidade mesma das pesquisas levadas a cabo. Nisso, a autora é fiel ao princípio epistemológico de Imre Lakatos, conforme o qual “é por meio do trabalho crítico de confronto entre teorias que os progressos científicos se efetuam” (DE VOGÜÉ, 2011, p. 7). As teorias

¹ Doutora pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: bethroccha@gmail.com

² Doutora pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). E-mail: thatiana.vilela@unifesp.br

³ “A epistemologia [...] é um sinal de saúde. É a indicação de que as ciências só se tornam divertidas quando a consideramos como jogos dos quais é preciso encontrar as regras e de que se tornam interessantes apenas quando não mais cremos na Verdade.” (LEBRUN, 2006, p. 144).



são, desse ponto de vista, consideradas como “observatórios” que enriquecem a pesquisa coletiva ao tornar visíveis fatos negligenciados ou inesperados que ajudam na compreensão do fenômeno estudado.

O mecanismo que engendra a construção da significação em enunciados que contêm unidades como as preposições, objeto de nossa investigação, é um tema ainda discutível para muitos estudos e há, indubitavelmente, notáveis avanços oriundos de diferentes quadros teóricos que também se concentram nessas questões⁴. Contudo, percebemos desfechos que permanecem abrindo possibilidades para ampliar o entendimento da complexidade envolvida nos usos que cercam essas unidades, e isso se reforça quando espelhamos os itens preposicionais nas descrições fornecidas com os seus respectivos empregos.

Isto posto, o objetivo deste artigo é mostrar o alcance heurístico do referencial teórico-metodológico da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE), de Antoine Culioli, e, particularmente, dos valiosos trabalhos de Franckel e Paillard (2007) e Ashino, Franckel e Paillard (2017), desenvolvidos no âmbito da semântica preposicional. Nesse primeiro momento, não podemos deixar de pontuar que, por desconhecermos trabalhos que analisem particularmente os empregos de determinada preposição, não trazemos, aqui, nenhum estudo desenvolvido por outras correntes enunciativas em PB (Português Brasileiro), além daqueles recentemente promovidos por pesquisadoras da TOPE, os quais detalhamos com mais profundidade.

O estudo dos marcadores preposicionais na TOPE

Na literatura corrente, e aqui chamamos atenção apenas para os estudos em PB, observam-se dois aspectos que se destacam frequentemente na abordagem da preposição: sua função sintática (a preposição estabelece uma relação de subordinação entre um termo primeiro e um termo segundo, como se tivéssemos certa hegemonia entre os termos que necessitam ou não ser complementados) e sua natureza semântica (quando sugerem a existência de um sentido de base, ou apontando que ora a preposição apresenta sentido em alguns ambientes, ora se vê esvaziada de sentido em outros). Ao analisarmos um vasto número de empregos em que determinada preposição se faz presente, percebemos que concepções como essas nos permitem estabelecer questionamentos como aqueles em que vimos insistindo:

De maneira geral, sugerir a existência de um significado unitário ou de base não nos parece suficiente para compreender o funcionamento da preposição face a seus variados usos. A descrição de uma multiplicidade de sentidos também se mostra questionável quando se pensa na possibilidade de se alcançar a enumeração dos sentidos que uma preposição pode potencialmente apresentar.

Por fim, o aspecto mais instigante consiste em se considerar, para uma mesma preposição, uma possível flutuação semântica relacionada ao fato de ela poder ou não ter sentido. Se se assume a existência de um sentido de base ou um significado unitário que nos parece ser descrito como inerente a uma preposição, qual seria o fenômeno responsável por inibi-lo, ou ainda, por fazer desaparecer esse significado nos casos em que a preposição é tida como destituída de sentido? (VILELA, ROCHA, 2017, p. 308)

⁴ Para compreender mais sobre o modo como as preposições são abordadas em outras vertentes, recomendamos a leitura de ROCHA (2019), ROMERO (2011, 2013) e VILELA (2016), VILELA & ROCHA (2017) e VILELA (2021).

A perspectiva enunciativa concebida por Antoine Culioli já deu origem a uma crescente de pesquisas sobre os itens preposicionais. Não estamos, de modo algum, assumindo aqui que o programa culioliano lançou soluções irrefutáveis ou que está isento de quaisquer questionamentos, mas é certo que encontramos nas obras *Grammaire des prépositions*, de Franckel e Paillard (2007), volume que reúne um conjunto de análises de preposições francesas que respondem ao grupo chamado de *divisão* (*entre, sur, sous, dans, avant e après*) e *Prépositions et rection verbale: étude des prépositions avec, contre, en, par, parmi, pour*, de Ashino, Franckel e Paillard (2017), lançada dez anos mais tarde e que se dedica ao estudo de preposições francesas que respondem a um outro grupo, denominado *discernimento* (*avec, contre, en, par, parmi e pour*)⁵, contribuições que nos parecem bastante adequadas para tratar dos dois importantes aspectos acima mencionados: a natureza da relação que se estabelece entre os termos e o que chamamos de *identidade semântica* (doravante IS), a qual responde pela variedade de sentidos gerados a cada vez que uma preposição se insere enunciativamente.

Nesses volumes, a preposição é definida como um relator, cuja materialização enunciativa se deixa formular conforme o esquema de relação **X R(prepos.) Y**, sendo **X**, termo *antecedente*, e **Y**, termo *consequente*:

Todo termo (no sentido mais amplo: sequência, frase, unidade léxica etc) é tomado em relação a um outro termo, previamente dado, que tem, conseqüentemente nessa relação sempre assimétrica, o estatuto do termo orientador [*repère*]. (FRANCKEL, PAILLARD, 2011, p. 91. In. DE VOGÜÉ, FRANCKEL, PAILLARD, 2011)

Em outras palavras, o esquema relacional retoma o que chamam de operador básico de localização ou orientação (*répérage*), já que **Y** assume a função de localizador (*repère*) e **X** a de termo localizado (*repéré*), ou seja, o esquema constitui uma relação não simétrica em que **Y** assume a função de localizador de **X**, e, dessa forma, **Y** é fonte de determinação de **X** (FRANCKEL, PAILLARD, 2007, p. 13).

Assim esquematizada, na análise de uma preposição buscamos saber o que ela põe em relação (identificação dos termos **X** e **Y**) e que tipo de relação é, então, estabelecida. Quanto à determinação dos termos postos em relação, não podemos deixar de notar que se a identificação de **Y** não traz grandes problemas, correspondendo, geralmente, ao termo que segue a preposição, o mesmo não se pode afirmar de **X**, termo de natureza complexa e que necessita por vezes ser recuperado, pois pode ou não estar materializado no enunciado. Tal aspecto ficará ainda mais evidente nos exemplos que propomos adiante.

De modo a ilustrar como ocorre a relação *X R Y*, consideremos os enunciados (1) *A polícia atirou NOS operários enquanto eles dormiam* e (2) *Tal fenômeno de penetração colide COM o interesse central do poder corporativo*, escolhidos por evidenciarem de modo mais nítido o raciocínio implicado nesse esquema.

A análise de (1) mostra que, se não há dificuldade de reconhecer *operários* como o termo correspondente ao **Y** da relação preposicional *XRY*, por outro lado, o termo antecedente **X** não pode ser identificado nem com o sujeito (*polícia*), nem tampouco com o verbo (*atirou*). De fato, EM delimita **Y** (*operários*) como escopo atingido e,

⁵ Nessa conjuntura, também destacamos trabalhos como os de Rocha (2019), Romero (2011) e (2013), Romero e Vilela (2015), (2020), Vilela (2013) e (2016), Vilela e Rocha (2017), que exploram o funcionamento de preposições do PB sob a ótica da TOPE.

sendo assim, apenas o *projétil disparado*, não instanciado explicitamente no enunciado, poderia pertinentemente corresponder a **X**. Ora, se considerarmos que o verbo *atirar* convoca dois elementos (*a* e *b*) de tal forma que *a* se encontra numa variação de visada regulada por um localizador *b*, então se pode afirmar que a intricação entre o verbo e a preposição, no caso, é total e, logo, identifica-se **X** com *a* (*projétil*) e **Y** com *b* (*operários*).

Em (2), temos **Y**, termo *consequente*, correspondendo a *o interesse central do poder corporativo*. Esse termo vai ocupar o lugar de um dos elementos da relação predicativa aberta por COLIDIR, o que significa, *grosso modo*, que o semantismo do verbo (sua *identidade semântica*) certamente convoca dois elementos *a* e *b* cujo posicionamento de um pode ser entendido como contrário ao do outro, o que elabora a representação de um choque entre os envolvidos. Dessa maneira, **Y**, *o interesse central do poder corporativo*, responde a um dos elementos solicitados pelo verbo (digamos, *b*) e **X**, *tal fenômeno de penetração*, ao outro (digamos, *a*). Com esse exemplo, mostramos que **X**, termo antecedente, não é o verbo em si, mas é (ou não) um dos elementos convocados por seu semantismo, que é constituído por um conjunto de parâmetros particular a essa unidade. A preposição COM, quando introduz **Y** (*b*), lhe confere o estatuto de orientador do posicionamento: se se apreende **X** (*a*) como o que tem um posicionamento conflitante, é por se tomar **Y** (*b*) como parâmetro em relação ao qual se estabelece o conflito.

Relativamente ao sentido, cada preposição tem um semantismo que lhe é próprio e que se dá a partir das relações que estabelece, como produto de combinatórias possíveis entre os termos **X** e **Y**, que mostram propriedades regulares, *i.e.* a *identidade semântica* das preposições, de maneira que “a interação da preposição com seu contexto remete, por meio dessas variações, a princípios regulares” (FRANCKEL, PAILLARD, 2007, p.13).

Como esclarecem Franckel e Paillard (2007, p. 26), essa identidade põe em jogo parâmetros semânticos abstratos, no sentido de se situarem aquém de uma materialização lexical e de serem suscetíveis de se tornar objeto de múltiplas especificações. Os parâmetros são, pois, independentes das formas textuais explícitas. Formular a *identidade semântica* de uma preposição, segundo esses critérios, significa determinar os parâmetros essenciais e seus modos de associação, que condicionam e caracterizam a relação instaurada por cada preposição em suas inúmeras ocorrências particulares.

No percurso analítico delineado por Franckel & Paillard (2007), os autores constataram que, no jogo *XRY*, **X** e **Y** são convocados de maneiras distintas na orientação mediada por cada preposição e, como consequência disso, se comportam de formas diferentes, descrevendo-as em dois grupos: de *divisão* (ou *zonagem*, do francês *zonage*) e de *discernimento*. A diferença entre estes dois grupos de preposições se dá no estatuto de **Y**, orientador da relação. Vejamos de forma detalhada como cada um dos grupos apreende as preposições EM e COM, preposições do PB, sendo por nós caracterizadas como pertencentes aos grupos de *divisão* e *discernimento*, respectivamente.

O funcionamento das preposições de *divisão*: o caso de EM em PB

A ordem “*divisão*” ou “*zonagem*” recobre o conjunto das preposições: *entre*, *sur*, *sous*, *dans*, *avant* e *après*, que são o mais das vezes apreendidas intuitivamente como tendo a ver, de maneira mais ou menos direta ou central, com o espaço:

Zonagem significa que a preposição associa ao termo que a segue (doravante notado Y) um domínio no qual ela distingue uma ou mais “zonas”. Cada uma dessas preposições estrutura e “divide” à sua maneira o domínio no qual ela configura uma zona particular. É essa estruturação própria a cada preposição o que, na perspectiva que vamos explorar, constitui a sua identidade. (FRANCKEL E PAILLARD, 1997, p. 7-8, grifo dos autores)⁶

Embora as preposições desse tipo possam remeter intuitivamente a representações do espaço, o conceito de zonagem ultrapassa a ordem espacial, já que a relação estabelecida pode dizer respeito à atualização de um processo (*Essa história vai dar EM nada*) ou nada ter a ver com representações espaciais (*NA sua fúria, os montes estremeçeram*).

A descrição da forma relacional preposicional em termos de zonagem é muito importante, pois ajuda a resolver certas dificuldades da teoria linguística, já anteriormente apontadas, quais sejam, a determinação dos termos postos em relação pela preposição (segundo o esquema *XRY*) e a apreensão da unidade de sentido da preposição. Isso porque cada preposição de divisão instaura uma singular estruturação do termo localizador (**Y**), representando-o conforme um esquema de distinção de zonas. Evidentemente, a dificuldade de determinação dos termos relacionados e a apreensão do semantismo da preposição considerada estão intimamente ligados, de tal forma que a consideração do sentido da preposição leva necessariamente à consideração do estatuto de **Y** e, logo, à identificação de **X**.

Formular a IS de uma preposição em termos de distinção de zonas implica a consideração da multiplicidade cotextual, na qual se descreve um tipo de variação formalizada pela esquematização topológica do Exterior (E) e do Interior (I) constitutivos do domínio nocional associado ao termo localizador **Y**. Nesse sentido, remete necessariamente às propriedades lexicais tanto de **Y** quanto de **X** (termos da relação preposicional). Além disso, a formulação da IS de uma preposição de zonagem remete também aos modos possíveis de intrincação do verbo com a preposição, por meio da análise da combinatória, existente ou não, entre os parâmetros da IS verbal e os parâmetros da relação preposicional (FRANCKEL, PAILLARD, 2007, p. 23-24). A análise dos exemplos a seguir tenta ilustrar os elementos teóricos acima.

(3) *O diretor chegou NO meio do filme.*

Para se ter ideia de como a preposição EM estrutura **Y** (*meio do filme*) como zona de localização de **X** (identificado adiante), deve-se observar o grau de intrincação entre verbo e preposição. Ora, se consideramos que *chegar* representa um processo orientado (*P*) assinalado em um ponto terminal ou de transição (*T*)⁷, então, segundo determinada interpretação, os parâmetros *P* e *T* da IS do verbo *chegar* correspondem respectivamente aos parâmetros **X** e **Y** da relação preposicional. De fato, pode-se reformular (3) como a enunciação de um processo de instauração artística (*P*) – não explicitado no sintagma – fixado em certo segmento transitório (*T: meio do filme*) do seu curso, de tal forma que se dá a ver a etapa intermédia de uma atividade de criação em andamento. Sendo assim, o parâmetro *T* (*no meio do filme*) da IS do verbo *chegar*

⁶ Todas as traduções são de responsabilidade das autoras e quando não, constará na seção de referências bibliográficas o nome do respectivo tradutor.

⁷ Propomos a seguinte formulação para o funcionamento enunciativo do verbo *chegar*: *considerado um processo orientado de vária ordem (mobilidade, mutabilidade etc), o afetado no processo ou o próprio processo – (P) – assinala-se em um ponto terminal ou de transição (T)*. Confira ROCHA, 2019, p. 140.

corresponde ao localizador **Y** da relação preposicional, na medida em que este se estrutura como zona que delimita um contínuo processual, operando nele um corte, pois o reduz a uma parte dele mesmo (a primeira metade). A zonagem de **Y** por EM, neste caso, constitui o Interior (a primeira parte de um processo) de um domínio nocional que exclui o Exterior (o resto do processo): o diretor começou o filme, avançou até à metade e parou aí; tal parada significa que fora do que foi feito, não há nada. Nessa interpretação, não se pode identificar **X** com o termo que antecede a preposição (*diretor*), mas, antes, com o *trabalho de criação*, ou seja, exatamente o parâmetro *P* do verbo *chegar*.

Por outro lado, conforme outra interpretação, **Y** (*meio do filme*) não corresponde ao parâmetro *T* de *chegar*. Nesse caso, **Y** se estrutura como zona que localiza no tempo (quando já tinha se passado metade do filme) a chegada do diretor (**X:P**). O parâmetro *T* de *chegar* ficaria explícito se se instanciasse o lugar aonde o diretor chegara (cf.: *O diretor chegou ao cinema no meio do filme* em que *T* é *cinema*). Nessa segunda interpretação, a estruturação de **Y** por EM representa-o também como zona de localização (temporal) homogênea cujo Interior exclui o Exterior do domínio: o diretor chegou (a determinado lugar) no meio do filme, nem antes, nem depois.

Em ambas as interpretações de (3), a estruturação, por EM, de **Y** como zona de localização (de **X**) homogênea e exclusiva dá a ver que EM é como que dotada de uma, digamos, *propriedade imã* de tal forma que atrai **X** inelutavelmente para a zona **Y** e nesta o encerra.

(4) *O aluno ficou EM dúvida*

Pode-se afirmar que em (4), a preposição EM investe **Y** (*dúvida*) de um caráter homogêneo e exclusivo, e, assim, **Y** se estrutura como zona delimitadora de certo estado de espírito para a qual **X** (*aluno*) é atraído e localizado, de sorte que **Y** envolve **X**. Assim, representa-se **X** como alguém inteiramente condicionado pela hesitação entre o verdadeiro e o falso (Interior do domínio), de tal maneira que o Exterior do domínio (não-dúvida – certeza, convicção etc) é repellido como campo que não valida ocorrência. Nesse sentido, pode-se afirmar que **Y** (*dúvida*) é o universo de **X** (*aluno*), estruturando-se como um entorno sem bordas que absorve **X** por toda sua extensão. Deve-se, aqui, ter em mente um tipo de vinculação entre **X** e **Y** que se descreve em termos de “alienação”, segundo Franckel e Paillard: “A presença de uma vizinhança indiferenciada do ponto de vinculação de **X** constitui a blocagem para **X** de toda saída possível de **Y** [...] e [...] lhe confere uma qualidade de ‘prisioneiro’. Não existe exterior para **X** uma vez que ele é vinculado a uma zona que, por esse próprio vínculo, se encontra apartado de toda exterioridade.” (FRANCKEL, PAILLARD, 2007, p. 158). De fato, a zona **Y** (*dúvida*) pode adquirir uma natureza aporética, se considerarmos que ficar em dúvida pode expressar um estado de ceticismo.

(5) *O sol está EM cima da gente.*

Sobre (5) parece claro que **X** (o termo primeiro da relação preposicional) não corresponde ao termo *sol* que antecede, explicitamente, a preposição, quer dizer, não se trata exatamente do astro, com seria o caso em *O sol está acima da gente*. A impossibilidade de identificar, aqui, **X** com o antecedente se dá pelo modo como a preposição EM estrutura o termo **Y** (*cima da gente*). Comumente se interpreta o sintagma *em cima de* como a representação do espaço vertical, já que situaria o termo orientado (**X**) num plano mais elevado que o ponto de referência. No entanto, trata-se,

antes, em (5), de representar não a posição do sol, mas sua intensidade, ou seja, **X** remete a um estado climático opressor. Isso se dá porque **Y** (*cima da gente*) é estruturado como zona de incidência privilegiada, cujos pontos são indiscerníveis entre si (o calor oprime o corpo todo). De fato, é justamente por incidir privilegiadamente em tal zona, como se os raios do sol fossem atraídos por **Y** e concentrados inteiramente *na gente*, que podemos dizer que **X**, menos que com o astro, se identifica com uma atmosfera sufocante.

Essas poucas análises talvez permitam avançar uma formulação da identidade semântica da preposição EM. A determinação da identidade semântica de um item linguístico remete ao desafio de formular o esquematismo invariante que regula seus usos tão diversos, mas não quaisquer, e que possibilitam o cálculo de enunciados possíveis e impossíveis nos quais ele se agencia, na medida em que é dessa invariância que decorrem as configurações da variação cotextual.

Ora, levando em conta as exigências de uma razão suficiente que fundamente o múltiplo não aleatório das ocorrências das formas linguísticas, propomos apreender a IS da preposição EM, de início, em termos do que já nomeamos de *propriedade ímã*. A propriedade ímã revela-se de grande valor explicativo se considerarmos que é somente na medida em que manifesta tal propriedade que a preposição EM estrutura o termo introduzido – **Y** – como zona de localização homogênea de **X**. Isso porque, graças à propriedade ímã, o marcador EM opera um vetor tendencial que faz com que o termo orientado **X** seja atraído forçosamente para **Y** e nele contido, ou seja, EM investe **Y** de uma força “magnética” que puxa **X** para seu domínio, e, assim, **Y** se configura como extensão (zona homogênea), na qual **X** se situa. Ora, nessa relação opera-se não somente a localização por atração, mas também por repulsão. De fato, a preposição EM instaura o Interior do domínio (**Y**) no qual as ocorrências de **X** podem ser identificadas, e, ao mesmo tempo, por assim dizer, põe entre parênteses o Exterior do domínio, repelindo-o como campo vazio das propriedades que tornam possível a verificação das ocorrências de **X**.

Isto posto, é possível formular a identidade de EM como o marcador de *uma relação entre o termo orientado X e o termo orientador Y, na qual, por virtude de uma propriedade – aqui chamada de propriedade ímã –, opera-se a atração do primeiro termo para o segundo, estruturando-se Y como zona de localização homogênea de X. Com essa operação, EM situa a ocorrência de X no interior do domínio de validação Y, repulso o exterior do domínio como o que não pode ser o caso ou o que poderia ser o caso, mas não é.*

O funcionamento das preposições de *discernimento*: o caso de COM em PB

No funcionamento das preposições de *discernimento*, objeto da investigação de Ashino, Franckel e Paillard (2017), **Y** deve ser concebido como uma propriedade não definidora⁸ (não intrínseca, imprevista) que é atribuída a **X**. Nesses casos, **Y** é introduzido pela preposição e atua como fonte de determinação para **X**. Tal propriedade não definidora – que é, portanto, sempre externa a **X**, por não fazer parte de sua determinação/configuração inicial – redefine o estatuto de **X**, *i.e.* define um modo de apreensão particular de **X**. Em resumo, **Y** determina o modo de apreensão de **X** na relação predicativa. Quanto ao semantismo, as preposições de *discernimento* estabelecem uma relação muito mais estreita com a relação predicativa, *i.e.* com o modo

⁸ Propriedades que, independentemente da preposição, não são intrínsecas ao elemento na posição de **X**.

de implicação de **X** na relação predicativa⁹, como concluem Ashino, Franckel e Paillard (2017, p. 14).

Ashino, Franckel e Paillard (2017) ponderam que o fato de **Y** ser visto como fonte de propriedades não definidoras na apreensão de **X** resulta em um duplo processo de orientação, *i.e.*, uma orientação do tipo *construção* e outra do tipo *especificação*. O primeiro tipo é chamado de *construção* porque **X** deve ser interpretado como termo orientado construtor de uma classe de determinações consideradas como aquelas passíveis de serem atribuídas por **Y**. **Y** é apenas uma das determinações possíveis e já previstas pela classe previsivelmente possível de ser atribuída a **X**, pois não são quaisquer. Isso mostra, conseqüentemente, que elas não são indispensáveis a **X**. Ao segundo tipo de *orientação*, cabe o pôr em relação de **X** com um dos **Y** dessa classe, ou seja, **Y** é o suporte de uma das especificações possíveis de **X**.

A preposição COM, segundo Vilela (2016, 2021), pertenceria ao grupo das preposições de discernimento, do mesmo modo que POR, PARA etc.

Ao contemplarmos os usos de COM, notamos que há uma particularidade importante e que reside no fato de que (Y), termo que segue a preposição, ser sempre exterior ao que se concebe como (X) na relação por ela instaurada. Isso nos leva a assumir que (X) e (Y) possuem origens distintas, *i.e.* que (X) e (Y) jamais serão um mesmo elemento, não existindo *a priori* unicidade dos termos. (VILELA, 2021, p. 125)

Conforme a proposta da autora, na relação descrita, é preciso ressaltar que, na identidade semântica (IS) de COM, **Y** tem o papel de *orientador*, *i.e.* **X** é apreendido sob a ótica da determinação instituída por **Y**, termo introduzido pela preposição. Quando COM insere (**Y**), incorpora a (**X**) propriedades que provocam efeitos nessa relação. Há um jogo no modo como a IS de COM convoca os elementos (**X**) e (**Y**) para funcionar no discurso. Vejamos abaixo, alguns exemplos de Vilela (2021) que ilustram o referido comportamento.

(6) *O positivismo era uma escola filosófica COM caráter social.*

Nessa ocorrência, explicamos o raciocínio envolvido para uma preposição de discernimento da seguinte forma: o termo **Y**, introduzido por COM e representado por “caráter social”, atribui ao termo **X**, que corresponde ao “positivismo já qualificado como uma escola filosófica”, uma determinação que o redefine. Considerando o fato de o positivismo já ser tomado na condição de ser uma escola filosófica, COM, ao introduzir **Y** (*caráter social*) confere à escola positivista uma característica que não faz parte do que **X** já é por si só, incorporando a **X** um atributo que lhe é exterior e que faz com que seja apreendido sob nova ótica. O positivismo passa, portanto, a ser visto não mais como uma escola filosófica, mas como uma escola filosófica que recebe a interferência de outra característica que a redefine, o caráter social.

⁹ Franckel e Paillard admitem que a preposição pode ser enquadrada em um quadro de co-predicação:

1) em todos os casos, a preposição tem uma função predicativa, inclusive nos casos em que **X** não corresponde a um termo diretamente identificável no enunciado;

2) quando a preposição está ligada à recepção do verbo, sua função não se reduz à introdução de um argumento do verbo;

3) a preposição conserva sua semântica em todos os seus empregos. Nessa perspectiva, a interação entre **V** e **Prép** considera uma combinatória entre dois predicados (o verbo e a preposição), com graus diferentes de imbricação que nós nos propomos a decompor. (FRANCKEL, PAILLARD, 2007, p. 18)

(7) *Ele [...] flertou COM a esquerda.*

Nesse outro exemplo, fazemos a hipótese de que Y, sendo “a esquerda” atuar como o orientador de X (representado pelo flerte observado) e do *flerte* ser compreendido como uma prática de integração social que envolve um movimento de aproximação de interesses num jogo de persuasão entre pessoas e, assim, exige-se a presença de mais de um elemento para que possa realizar-se. Em outras palavras, COM, ao introduzir Y, evidencia um elemento que participa da relação sócioafetiva que X implica. O flerte observado passa a ser visto pela ótica do que as contribuições e influências da esquerda lhe confere, o que faz com que “ele” se incline e passe, então, a se interessar por aquilo que a esquerda pode oferecer.

(8) *Amor COM beijinho.*

(9) *Amor SEM beijinho.*

Os exemplos (8) e (9) são interessantes, pois estamos diante de preposições que apresentam comportamentos não antônimos, mas amplamente distintos. Tudo isso, pois enquanto COM é apreendida pela autora como uma preposição de discernimento, SEM é definida como uma preposição de divisão.

Notemos, inicialmente, que em ambos os exemplos o termo X é facilmente identificado (*amor*). Em (8), dado o emprego de COM, parte-se, na construção da significação, de um *amor* cuja representação habitual não integra *beijinho*, sem que, por isso, deixe-se de considerá-lo *amor*. Ou seja, *amor* (X) e *beijinho* (Y) são elementos distintos e sem vínculo *a priori*, são exteriores e independentes um ao outro. COM, quando introduz *beijinho* (Y), faz com que se reconfigure a representação inicial do que se entende por *amor* (X), comportamento que se aproxima daquele descrito para as preposições de discernimento.

Para (9), ao que nos parece, tem-se uma representação de *amor* distinta da habitual, *i.e.* uma representação de que *amor só é considerado amor se tiver beijinho*. X e Y não apresentariam, portanto, a distinção inicialmente observada no emprego de COM, e isso por já estar previsto que Y (E) seja uma propriedade constitutiva do que venha a ser *amor* (I). Em suma, é inconcebível pensar no que vem a ser *amor* (I) sem antes conceber a existência de Y (E) como uma de suas propriedades possíveis. Por essas razões, a ideia construída para *amor SEM beijinho* é frequentemente associada à ausência de Y: *amor* perde uma das propriedades que o caracterizaria para dar espaço apenas a uma delas (I), a ausência de *beijinho*. Isso tende a mostrar que, no funcionamento de COM, Y não é propriedade inicial de X, pois não lhe é definitiva; no de SEM, Y é uma de suas propriedades constitutivas, o que explicaria a noção de *privação* constantemente associada a esta preposição.

Considerações finais

Como mostramos nessa breve explanação, Franckel e Paillard (2007) e Ashino, Franckel e Paillard (2017) trazem importantes contribuições ao estudo das preposições. Primeiramente, por enfrentarem a complexidade envolvida na identificação dos termos postos em relação pela preposição. Segundo, por tornarem mais preciso o conceito de identidade semântica (IS), associando sua formulação possível à determinação de parâmetros abstratos que constituem essas unidades.



Independentemente de pertencerem ao conjunto denominado divisão ou discernimento, o formato teórico delineado pelos moldes culiolianos para descrever os fenômenos ligados às preposições é composto, principalmente, por alguns importantes pontos: 1) pela delimitação de um inventário considerável de empregos; 2) pela formulação, com base nos dados observáveis, do que define a identidade semântica (IS) de cada uma sem deixar de incluir a deformabilidade que lhes seria característica; 3) a partir da formulação decorrente da IS, pelo estabelecimento de planos de variação; 4) pela descrição da *variação* observada durante a interação estabelecida entre a preposição e os elementos que ela coloca em relação, X e Y.

Os trabalhos abordados nesse artigo, bem como muitos dos conceitos apresentados, vêm se mostrando fundamentais nas análises que buscam descrever o comportamento semântico-enunciativo das preposições, pois evidenciam o complexo jogo interativo que se instaura entre as unidades linguísticas no enunciado ao qual as preposições se integram.

Embora saibamos que ainda há caminhos os mais díspares pelos quais podemos percorrer para elucidar as interrogações que cercam o funcionamento das preposições e a construção da significação dos enunciados nos quais estão inseridas, concluímos que a teoria instaurada por Antoine Culioli dá um passo decisivo nessa elucidação. Isso porque, sem fazer *tabula rasa* de abordagens concorrentes, permite tratar problemas complicados (a identidade semântica preposicional), sem soluções reducionistas, e mostra que problemas que parecem simples (identificação dos termos relacionados pela preposição) são, na realidade, complicados. Os fenômenos linguísticos jamais se constituem em um empírico unívoco, superficialmente apreensível, mas nos forçam, contrariamente, a aprofundar a questão do que se encontra atrás de sua face sensível, vestígio dessa efervescente atividade de produção e reconhecimento de enunciados chamada linguagem.

REFERENCIAS

ASHINO, F. ; FRANCKEL, J. J.; PAILLARD, D. **Prépositions et rection verbale: étude des prépositions avec, contre, en, par, parmi, pour**. Bruxelles : P.L.E Peter Lang s.a., 2017.

CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations**. Tome 1, Paris : Ophrys, 1990.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation. Formalisation et opérations de repérage**. Tome 2, Paris : Ophrys, 1999a.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation. Domaine notionnel**. Tome 3, Paris : Ophrys, 1999b.

DE VOGÜÉ, S. Os Princípios Organizadores da Variedade das Construções Verbais. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL, Gabriel de Ávila Othero, 9 (16), pp.276-315, 2011. Disponível em: <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00651840/document>.

DE VOGÜÉ, S.; FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. **Linguagem e enunciação: representação, referenciação e regulação**. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCKEL, J.-J.; PAILLARD, D. **Grammaire des prépositions**. Tome 1. Paris: Éditions Ophrys, 2007.

FRANCKEL, J.-J. _____. Atividade de linguagem, diversidade e singularidade das línguas em Antoine Culioli. **Curso ministrado em francês, com tradução das ideias gerais por Márcia Romero (UNIFESP) – Notas de aula**. out/nov. 2020.

LEBRUN, G. **A filosofia e sua história**. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

ROCHA, E. G. L. Operações de linguagem e o ensino de línguas: um estudo do marcador EM. **Tese (Doutorado)**. Guarulhos, SP. Universidade Federal de São Paulo, 2019, 155 p.

ROCHA, E. O marcador EM na elaboração das representações temporais. **Traços de Linguagem**. v. 5, n. 1, p.25-36, 2021.

ROMERO, M. Le fonctionnement sémantique de la préposition POR en portugais brésilien. **Faits de Langues**, Les Cahiers numéro 3. Paris: Ophrys, p.209-232, 2011.

_____. Processos enunciativos e identidade semântica da preposição POR. **Cadernos do IL**. Porto Alegre, nº 46, p.149-170, 2013.

ROMERO, M.; VILELA, T. R. O uso interproposicional de POR em uma descrição unitária de funcionamento da preposição. In. DIAS, Luiz. Francisco; LACERDA, Priscila Brasil Gonçalves; DALMASCHIO, Luciani (orgs.) **Enunciação e materialidade linguística**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

ROMERO, M.; VILELA, T. R. Aspectos do papel enunciativo da preposição COM: objeto direto preposicionado e transitividade verbal. **Revel**, v.18, n.34, 2020.

VILELA, T. R. Educação léxico-gramatical: um estudo semântico-enunciativo da preposição com. **Dissertação (Mestrado)**. Guarulhos, SP. Universidade Federal de São Paulo. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, 2016.

VILELA, T. R.; ROCHA, E. G. L. Um breve panorama: descrição e abordagem metodológica de preposições no português brasileiro. **Estudos Linguísticos**, v. 46, n. 1, 2017.

VILELA, T. R. Enunciação e atividade de linguagem: descrição de COM e SEM no Português do Brasil e suas implicações para o (re)pensar das práticas de ensino. **Tese (Doutorado)**. Guarulhos, SP. Universidade Federal de São Paulo, 2021, 231 p

Recebido em junho de 2021.

Aprovado em julho de 2021.

Como citar este trabalho:

ROCHA, E. G. L.; VILELA, T. R. dos. O estudo das preposições no PB: uma abordagem culioliana. **Traços de Linguagem**. v. 5, n. 2, p. 59-69, 2021.
